

GÊNEROS JORNALÍSTICOS NA ESCOLA: INSERÇÃO SOCIAL A PARTIR DAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Daniele Ferreira Ribeiro (PROFLETRAS/UFPB)¹
daniele_fribeiro@hotmail.com

Maria do Carmo Melo Aguiar Neta (PROFLETRAS/ UFPB)²
carminha.ufpb@gmail.com

Introdução

O trabalho com gêneros textuais em sala de aula já não é mais ponto de discussão entre os docentes. Muitos são os relatos de experiências exitosas que vêm promovendo o desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita, a partir de atividades realizadas com base nos mais variados gêneros. Isso porque eles permeiam todas as esferas da comunicação, viabilizando a interação e atendendo aos propósitos comunicativos necessários à vivência social.

Sendo assim, inevitavelmente, os gêneros textuais já fazem parte do cotidiano escolar. Professores de todas as disciplinas, frequentemente, apresentam a seus alunos, textos em gêneros diversos, no entanto, é nas aulas de Língua Portuguesa – e a experiência nos permite dizer que, na maioria das vezes, somente nelas – que o aluno é motivado a perceber o texto como pertencente a um gênero específico, que tem suas particularidades e atendem a finalidades também específicas no contexto social.

Logo, é função do professor de Língua Portuguesa a tarefa de instruir os alunos para o reconhecimento do texto como prática social, indispensável, pois, para a sua vivência como ator social, capaz de se fazer ser compreendido em qualquer situação comunicativa na qual venham a se encontrar.

É para esse caminho que apontam as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCN's), bem como, é voltando-se para essa proficiência comunicativa, que está o interesse maior do exame do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB). Para ambos, o trabalho teórico-metodológico a ser realizado, na escola, deve buscar o desenvolvimento das competências e habilidades indispensáveis para as práticas sociais de leitura e escrita.

Nesse sentido, o presente trabalho apresenta como objetivos: (1) discutir a atenção que os professores de língua portuguesa da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Itan Pereira, na cidade de Campina Grande, dão aos gêneros jornalísticos, enquanto objeto de estudo, verificando se os mesmos são contemplados em seus planos de aula ao longo do ano letivo e (2) em caso afirmativo de 1, verificar quais gêneros estão entre os mais trabalhados por esses professores. A pesquisa, de caráter descritivo-interpretativista, tem corpus de análise composto por questionários aplicados com os professores da referida escola.

Para tanto, adotamos, nesse estudo, a perspectiva interacionista presente em estudos de autores como Bakhtin (2011), Koch (2013), Marcuschi (2010), Kleiman (2005), Schneuwly & Dolz (2013) e Bezerra (2010).

¹ Graduada em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande e aluna do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS da UFPB.

² Graduada em Letras pela Universidade Federal da Paraíba e aluna do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS da UFPB.

Sendo assim, na seção “O trabalho com gêneros textuais nas aulas de Língua Portuguesa”, discorreremos sobre a importância de se trabalhar com uma diversidade expressiva de gêneros textuais nas aulas de língua materna.

Em “Mídias e os gêneros jornalísticos na sala de aula”, tratamos das contribuições das mídias e dos gêneros pertencentes ao domínio discursivo jornalístico na formação de leitores críticos que reconhecem as diferentes práticas sociais de leitura.

Por último, a seção “A constituição do *corpus* de análise” descreve a atenção que os professores das séries finais do Ensino Fundamental, da E.E.E.F.M. Professor Itan Pereira, dão ao trabalho com os gêneros jornalísticos.

Na conclusão, destacamos a relevância de se trabalhar com os gêneros da referida esfera, bem como, enfatizamos a contribuição, desse trabalho, para a construção da criticidade dos alunos.

1. O trabalho com gêneros textuais nas aulas Língua Portuguesa

De acordo com Schneuwly & Dolz (2013, p. 69), a introdução de gêneros textuais na escola permite ao aluno dominar, conhecer e apreciar as formas como os textos se apresentam permitindo, assim, uma melhor compreensão e produção dos mesmos dentro e fora da escola.

É nas aulas de Língua Portuguesa que os alunos devem ter contato com uma grande variedade de gêneros textuais, reconhecendo sua finalidade e sua funcionalidade na sociedade. Isso que dizer que os alunos devem aprender, na escola, o que são os gêneros textuais, bem como reconhecê-los e usá-los em sua vida, fora dela.

Mas, nem sempre é isso que percebemos. Na escola, os alunos parecem ler muitos contos, crônicas, fábulas, apólogos, poemas, enfim, uma gama de textos que nem sempre fazem parte de seu cotidiano extraescolar.

Não estamos reduzindo a importância dos gêneros literários. Pelo contrário, defendemos que a escola deve ser lugar de múltiplos letramentos, mas é preciso reconhecer que ela não deve se limitar à apresentação somente de gêneros literários.

Conforme colocam os PCN's,

a seleção de textos deve privilegiar textos de gêneros que aparecem com maior frequência na realidade social e no universo escolar, tais como notícias, editoriais, cartas argumentativas, artigos de divulgação científica, verbetes enciclopédicos, contos, romances, entre outros. Vale considerar que a inclusão da heterogeneidade textual não pode ficar refém de uma prática estrangulada na homogeneidade de tratamento didático, que submete a um mesmo roteiro cristalizado de abordagem uma notícia, um artigo de divulgação científica e um poema. A diversidade não deve contemplar apenas a seleção dos textos; deve contemplar, também, a diversidade que acompanha a recepção a que os diversos textos são submetidos nas práticas sociais de leitura (PCN's, 1998, p. 25-26).

Sendo assim, pensamos que a sala de aula deve ser lugar de circulação de gêneros diversos que incluem os, para eles, considerados novos – os literários, que precisam ser-lhes apresentados – e os que já fazem parte de seu dia a dia, necessários à convivência social e, principalmente, ao mundo do trabalho.

Por isso, é preciso que o conhecimento vivenciado e construído, na sala de aula, auxilie o aluno a compreender e a se comunicar através de gêneros recorrentes em seu cotidiano, partindo de uma prática dinâmica, possibilitando que aquele aprendizado de

sala seja transposto para outras situações, irrestritas ao espaço escolar. Conforme nos coloca Moran (2013, p. 14),

se os alunos fizerem pontes entre o que aprendem intelectualmente e as situações reais, experimentais e profissionais ligadas aos seus estudos, a aprendizagem será mais significativa, viva e enriquecedora.

Para tanto, é preciso ter claros os objetivos a serem alcançados por parte do professor, sob pena de cair em irrelevância de conteúdo. Sobre isso, Bezerra (2010) aponta que

para evitar que os textos, ao transformarem-se em objeto didático, percam força comunicativa e restrinjam-se apenas a seus aspectos estruturais ou formais, é importante que as aulas de português sejam planejadas para alcançar objetivos mais amplos, que extrapolem a sala de aula, talvez a escola (BEZERRA, 2010, p. 231).

Portanto, faz-se indispensável a consistência na abordagem do gênero quando de seu uso pedagógico, para que o mesmo não seja descaracterizado e perca suas particularidades no momento da transposição didática.

Quando falamos em gêneros do cotidiano, estamos nos referindo aos mais usuais, a saber, bilhete, carta, e-mail, receita, bula de remédio, propaganda, telefonema, entre tantos outros que incluem, também, os gêneros midiáticos e jornalísticos.

Não podemos desconsiderar que vivemos em tempos em que há grande facilidade de acesso à informação e que estamos expostos a mensagens as quais nos são apresentadas em quantidades e formas variadas, a partir dos jornais, das revistas, do rádio, da internet e da televisão.

Através desses meios, nos informamos acerca dos acontecimentos do mundo e nos posicionamos em relação a eles. Por isso, é indispensável a percepção das nuances que perpassam os discursos permeados pelas ideologias de quem transmite tais informações através das mídias, consideradas

são espaços educativos na medida em que são responsáveis pela produção de uma série de informações e valores que ajudam os indivíduos a organizar suas vidas e suas ideias. Auxiliam, também, a formarem opinião sobre as coisas, ajudam todos nós a organizar uma forma de compreender e se adaptar ao mundo. (SETTON, 2011, p.9)

Fazer o aluno perceber essas peculiaridades e os interesses que se estabelecem no repasse das informações é o objetivo maior a ser alcançado, a partir do trabalho com os gêneros jornalísticos em sala de aula, buscando, portanto, contribuir para a formação crítica do educando. Somente assim, ele poderá se posicionar diante dos conteúdos que lhes são apresentados e se expressar de forma contundente, atendendo satisfatoriamente às suas necessidades de interação social.

Com base nisso, reitera-se a importância de refletir sobre a realidade, partindo dos textos da esfera jornalísticos, na escola; e cabe pensar acerca do espaço que esses textos ocupam no ambiente escolar e, mais especificamente, nas aulas de língua portuguesa.

Consideramos que essa seja uma discussão válida, dado o lugar de destaque que eles ocupam na vida da sociedade, formando opiniões e ditando normas e padrões a serem (in)conscientemente seguidos.

Sendo assim, a escola, “a mais importante agência de letramento da sociedade” (KLEIMAN, 2005, p. 38), não pode negligenciar o trabalho com os gêneros jornalísticos, deixando de promover discussões que vislumbrem as práticas comunicativas do mundo social. Trabalho esse, que vem formar alunos preparados para o exercício pleno da cidadania, ou seja, alunos capazes de utilizar a leitura e a escrita enquanto práticas sociais letradas, através das quais lhes é permitido agir, responsabilmente, no espaço sócio-histórico onde se encontram inseridos (BAKTHIN, 2000).

2. Mídias e os gêneros jornalísticos na sala de aula

Afora os gêneros literários, que são mais comumente trabalhados em sala de aula, é preciso destacar outros que são mais usuais na vida social, entre os quais se enquadram os gêneros jornalísticos.

Devido à presença marcante no dia a dia de todos os segmentos sociais, os textos da esfera jornalística, com sua linguagem específica e carregada de propósitos implícitos, passam a exigir o desenvolvimento de competências leitoras indispensáveis, com vistas ao exercício pleno da cidadania.

Sendo assim, justifica-se a importância e a necessidade desses gêneros adentrarem às salas de aula, sob uma perspectiva que suscite uma aprendizagem integrada à realidade e conduza o aluno a percepção da influência que a mídia exerce sobre na sociedade.

Reconhecendo tal influência, os PCN's orientam para um ensino de leitura visando ao desenvolvimento da capacidade de

Compreender o sentido nas mensagens orais e escritas de que é destinatário direto ou indireto, desenvolvendo sensibilidade para reconhecer a intencionalidade implícita e conteúdos discriminatórios ou persuasivos, especialmente nas mensagens veiculadas pelos meios de comunicação. (PCN's, 2001, p.124)

Atendendo a essas orientações e em consonância à consciência da necessidade de formar leitores críticos e participativos acerca da realidade que os cerca, já estão cada vez mais frequentes, nas escolas, o uso de mídias, suportes para os textos jornalísticos.

Em se tratando da mídia impressa, podemos destacar o trabalho de leitura e produção de jornais, com vistas a contribuir com o desenvolvimento do pensamento crítico do aluno, bem como de suas capacidades de leitura, escrita e expressão oral.

Utilizado com finalidade pedagógica, ela representa um espaço de expressão dos alunos e de desenvolvimento da cidadania, fruto de um processo de aprendizagem voltado à leitura crítica dos textos e, conseqüentemente, à leitura crítica do mundo. Dessa forma, a mídia impressa na sala de aula é vista como uma “estratégia pedagógica multifacetada” (FARIA & ZANCHETTA, 2007, p. 148), ou seja, não como um fim, mas como um meio para o trabalho do professor.

Outra contribuição significativa para o trabalho com gêneros jornalísticos em sala de aula é a oportunizada pelo rádio, um instrumento de mobilização, sensibilização, informação e entretenimento, participando, também, da formação educacional do aluno sob perspectiva da atuação crítica e social no mundo.

Segundo Assumpção (1999), conhecendo a linguagem radiofônica, o educando poderá compreender a função desse meio de comunicação na sociedade contemporânea. Tendo participado como produtor dele, o aluno será,

consequentemente, um consumidor mais exigente que não aceita passivamente as mensagens veiculadas, dado ao fato de que a produção envolve mais conhecimento do que percepção dos conteúdos.

Seguindo o mesmo objetivo em favorecimento da criticidade do aluno, também podem ser grandes objetos de ensino os gêneros jornalísticos que fazem parte do universo das mídias audiovisuais.

Sobre elas, Almeida (2005, p: 41) diz que:

criar espaços para a identificação e o diálogo entre essas formas de linguagem (produzida na integração entre imagens, movimentos e sons característicos da mídia audiovisual) e permitir que os alunos se expressem de diferentes maneiras são ações que favorecem o desenvolvimento da consciência crítica sobre a influência da mídia e respectivas estratégias direcionadas a determinados grupos sociais, num grupo complexo em que se encontram implícitos, sutilmente, os significados que se pretende impor a esse público.

Dessa forma, presentes na escola, essas mídias permitem a reflexão acerca dos conteúdos por elas veiculados, contribuindo para transformar as formas de percepção e apreensão da realidade.

Elas demonstram que são várias as maneiras pelas quais os textos jornalísticos podem se fazer presentes nas aulas de Língua Portuguesa. Podendo ser, assim, objeto de estudo, possibilitando, em sala de aula, a análise da notícia, da reportagem, do editorial, do artigo de opinião, entre outros gêneros, não como pretexto para o ensino de regras gramaticais da norma-padrão da língua, tampouco, para ficar preso ao mero reconhecimento dos elementos constitutivos de cada um.

Pelo contrário, precisamos chamar a atenção do aluno para o discurso produzido a partir dos gêneros textuais estudados, despertando para os interesses defendidos e para as ideologias que se pretende difundir. Nesse sentido, cabe a perspectiva de Marcuschi (2010, p. 26) de que “gêneros são formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos”, que necessitam, portanto, ser entendidos não como entidades formais, mas sim entidades comunicativas.

3. A constituição do corpus de análise

A pesquisa realizada para atender às discussões do presente trabalho foi feita com professores de língua portuguesa dos anos finais do ensino fundamental, da E.E.E.F.M. Prof. Itan Pereira, em Campina Grande/ Pb.

Esses professores responderam a questionários que trataram do trabalho com gêneros jornalísticos em suas turmas de ensino regular, que funcionam nos turnos da manhã e da tarde. A escola funciona também à noite, no entanto, os professores desse período não foram considerados para efeito deste estudo por se tratar de EJA, modalidade não abarcada por nossos objetivos.

Sendo assim, responderam aos questionários os 4 professores da disciplina de Língua Portuguesa, que lecionam no ensino regular. Juntos, eles ministram aulas a 14 turmas, que variam do 6º ano 9º ano.

Em se tratando dos dados apresentados, as respostas dadas aos questionários nos indicam que todos os professores trabalham com os textos jornalísticos em sala de aula, variando quanto à frequência e aos gêneros textuais dessa esfera.

No que tange à frequência, os professores disseram trabalhar com os referidos gêneros “às vezes” ou “sempre”. Sendo assim, inferimos que, todos os alunos das séries finais do ensino fundamental da referida escola têm acesso a aulas que, possivelmente, prezam pelo desenvolvimento das habilidades de leitura pautadas numa perspectiva de inserção social.

Ao serem questionados se consideram o trabalho com gêneros jornalísticos importante, os professores disseram considerar essa como uma perspectiva necessária, agindo como uma forma de aumento da interação real com o mundo além dos muros da escola.

As passagens a seguir comprovam essa assertiva, revelando o ponto de vista dos professores em relação aos gêneros que circulam nos meios de comunicação diversos, aos quais temos acesso.

Professor 1 - Esses gêneros permitem ao aluno compreender a realidade e interagir com ela de forma mais direta e consciente.

Professor 2 - Os gêneros jornalísticos são capazes de unir a informação à opinião, sobretudo, por estarmos numa época tão envolvida com a mídia, É preciso o trabalho com esses gêneros para que o aluno reflita e filtre o que é realmente importante para a sua vida enquanto estudante e cidadão.

Professor 3 - O trabalho com gêneros textuais é uma oportunidade de lidar com a língua em seus usos autênticos, amplia conhecimentos, enriquece o vocabulário, bem como torna o educando um cidadão crítico. Os gêneros jornalísticos como: notícia, reportagem, carta do leitor, entrevista, artigo de opinião, crônica esportiva e social, classificados, entre outros, têm em comum a argumentação, um processo que consiste em explicar, interpretar, ordenar, justificar, relacionar ideias, convencer e persuadir, uma proposta curricular que busca a formação de sujeitos reflexivos.

Professor 4 – Em tempos em que as mídias são “onipresentes” e o acesso à informação é a cada dia mais facilitado, não podemos deixar de lado o trabalho com gêneros jornalísticos, porque precisamos ensinar nossos alunos a, efetivamente, ler todo conteúdo que chega até ele. Na sala de aula, temos a oportunidade de discutir os assuntos relacionados aos acontecimentos do nosso dia a dia e fazer o aluno refletir sobre a realidade, conduzindo-o ao pensamento crítico, formando um cidadão consciente, que sabe inferir as intencionalidades que estão além daquilo que é dito no texto jornalístico.

Diante dos depoimentos acima transcritos, podemos perceber que os professores veem, nos textos de natureza jornalística, uma oportunidade de desenvolvimento das habilidades de leitura como prática social e formação da cidadania.

No entanto, podemos apontar, nesse aspecto, uma contradição. Ao mesmo tempo em que parecem ser conscientes quanto à necessidade do trabalho com gêneros, afirmando ser oportunidades de ensino eficiente para a formação crítica do aluno, os professores entrevistados parecem apresentar uma limitação metodológica na efetivação

de seu trabalho em sala de aula, uma vez que não viabilizam seu trabalho por meio de projetos.

Dos quatro professores participantes da pesquisa, somente um disse ter realizado projeto que colocou o aluno em situação real de produção. Os demais realizaram sequências didáticas cujos objetivos eram fazer o aluno reconhecer gêneros textuais; e discutir temas atuais de grande repercussão na mídia.

Trata-se, pois, de um trabalho semelhante aos propostos pelos livros didáticos, sem que haja aprofundamentos tangentes à produção escrita, por exemplo. A participação do aluno fica restrita à apresentação aos gêneros, a fazer leituras, e responder a exercícios, sem haver socialização desse aprendizado além do espaço da sala de aula. Pensamos que, nesse sentido, não fica claro para o aluno o porquê de aprender ou o para quê aprender a partir da mídia.

Em relação ao professor que realizou trabalho por meio de projeto, foi explicado que se tratou da produção de um jornal escolar, no qual os alunos atuaram na produção de gêneros textuais de circulação na mídia impressa.

Segundo o professor, na ocasião, os alunos puderam lidar com a ideia de edição de texto e assumir a posição editorial que mais lhes convinha. Dessa forma, eles experimentaram as possibilidades dos jogos de interesse que perpassam a produção da notícia, reconhecendo que da mesma forma pode acontecer nas grandes empresas de comunicação.

Perpassando por gêneros variados – a exemplo de notícia, reportagem, charge, entrevista e artigo de opinião – para a composição do todo, os alunos, segundo o professor, colocaram-se em uma clara situação de produção que deu sentido ao trabalho que estava sendo por eles produzido.

Parece-nos, portanto, que o objetivo de contribuir com a formação do aluno visando a sua atuação na sociedade foi alcançado, isso porque, atuando na produção e na socialização das informações, há a possibilidade de desenvolvimento, também, do seu lado questionador. Assim, criticamente instruído, o aluno passa a não aceitar tudo de maneira passiva e consegue perceber os interesses que se mostram no que é dito como também naquilo que não é dito. Prepara-se, por isso, um leitor que vê, participa, interage e busca oportunidades de transformação da realidade.

Em se tratando dos gêneros trabalhados em sala de aula, os questionários confirmaram uma de nossas hipóteses: todos os professores trabalhariam com os gêneros notícia e charge.

Um professor disse trabalhar, além desses, também com as crônicas jornalísticas; e outro afirmou trabalhar também com carta do leitor, entrevista e artigo de opinião. Em todos os casos, as escolhas se deram de acordo com a série e a maturidade da turma.

Esse resultado se mostra insuficiente, uma vez que é a variedade de gêneros que permite a construção das competências necessárias para o domínio das condições de produção e circulação do discurso jornalístico, possibilitando ao aluno o conhecimento a produção e a compreensão que esses gêneros exigem.

Nesse sentido, se a pretensão é realizar um trabalho que preze pela inserção do aluno nas práticas de letramento de domínio jornalístico, é preciso apresentá-los aos diferentes gêneros através dos quais são representadas as posições políticas e ideológicas dos grupos sociais dominantes.

Sendo assim, a escola não pode se eximir dessa responsabilidade. Pelo contrário, no papel do professor, ela deve diversificar e promover a construção de conhecimentos em relação a textos tão importantes para a vida social.

Conclusão

Os dados apresentados pela pesquisa permitiram constatar que, mesmo sendo reconhecida a importância do trabalho com textos jornalísticos, ainda é pequena a variedade de gêneros dessa esfera trabalhados nas aulas de Língua Portuguesa.

Isso é algo a ser repensado, pois se trabalhados de forma pedagogicamente produtiva, tais gêneros possibilitam o debate, a argumentação, a criticidade e a apuração dos sentidos acerca dos fatos do cotidiano.

Ademais, por se tratar de textos de ampla circulação social, junto às discussões, pode emanar o desejo de participação e transformação da realidade, algo somente possível se houver o despertar da inquietação diante dos discursos apresentados, que poderão ser, fundamentadamente, refutados ou acatados.

Para tanto, é preciso caminhar pelas diferentes formas de apresentação dos textos através dos quais se concretizam os discursos, entendendo as escolhas linguístico-discursivas que participam na formação de opinião.

Se o acesso a esses textos é ilimitado e incontrolável, cabe à escola, o papel de formar leitores proficientes de textos atuantes na sociedade. Cabe, pois, ao professor de Língua Portuguesa o desenvolvimento de um trabalho pedagógico que venha a contribuir para a inserção do aluno nas práticas de letramento, prática essa que se efetiva, entre outras formas, através dos gêneros jornalísticos em sala de aula.

Trabalhando aspectos peculiares dos gêneros da esfera jornalística, os alunos podem perceber as estratégias e os artifícios da linguagem, que são usadas para integrar os discursos midiáticos, visando à formação de opinião. Dessa forma, desenvolvem a criticidade e tornam-se mais exigentes em relação aos conteúdos que lhe são apresentados.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. **Prática pedagógica e formação de professores com projetos**: articulação entre conhecimentos, tecnologias e mídias. In: _____; MORAN, José Manuel (org.). **Integração das tecnologias na educação**. Salto para o Futuro. Brasília, 2005.

ASSUMPCÃO, Zeneida Alves. **A rádio na escola: uma prática educativa eficaz**. 1999. Disponível em <<http://www.scribd.com/doc/16370449/Radio-Escola-uma-pratica-educativa-eficaz>>. Acesso em: 15 fev. 2010.

BAKTHIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 20. p. 261-306.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. cefiel/alfaletras/biblioteca_professor/arquivos/5710.pdf. Acesso em: 17 mar 2014.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2001.

FARIA, Maria Alice; ZANCHETTA, Juvenal. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2007.

KLEIMAN, Angela B. **Preciso “ensinar” o letramento?** Não basta ensinar a ler e escrever? CEFIEL/IEL/Unicamp, 2005. Disponível em: <http://www.iel.unicamp.br/>

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais**: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel e BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 19-38.

MORAN, João Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 21. ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.

SETTON, Maria da Graça. **Mídia e educação**. São Paulo: Contexto, 2011.